



# Gaiato



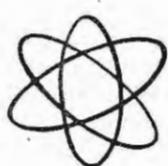
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 476 — Preço 1\$00  
9 DE JUNHO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



## FACETAS DE UMA VIDA

**C**ORRESPONDÊNCIA de Família vai-nos permitir continuar esta rubrica, iluminando-nos, nem que sòmente em relâmpagos, a personalidade e a vida de Pai Américo. São instantâneos que não dão a face total, mas dão facetas, que ajudam a reconstituir e a compreender o verdadeiro retrato.

São cartas dos Pais e dos Irmãos — cartas trocadas entre uns e outros. Nem faltam, sequer, algumas letras da Rita, a famosa criada da Família, figura curiosíssima (e muito feia! Que hoje resplandeça em beleza celestial e me perdoe!) que os nossos tempos já não produzem. Também a Rita tem o seu papel, e importante, na vida de infância de Pai Américo.

O Senhor Ramiro, seu Pai, escrevia muito bem: letra, pensamento, doutrina, redacção. É de trechos de cartas suas ao filho mais velho, o P.e José Monteiro de Aguiar — que se ordenaria em Cochim e serviria largos anos a mesma diocese — que nós tiramos as breves alusões aos filhos mais novos, antes de darmos a mais antiga carta de Pai Américo que, para já, possuímos, escrita do Colégio de S.ta Quitéria — Felgueiras, também ao P.e José.

O primeiro trecho pertence à carta datada de

«Gallegos, 2 de Setembro de 1897.

Toda a nossa família está boa, graças a Deus, e tu também há pouco o estavas, que me disse o Jaime lhe escreveste. Temos este ano uma boa colheita de milho no paiz e escassa de vinho, excepto num ou outro lugar, v. g., eu tive mais que o ano passado e o Loureiro também.

O António e o Américo foram este anno para o collégio de Penafiel, como internos, entregues aos cuidados da S.nr.ª D. Umbelina, onde o Jaime come e dorme, uma Senhora, como ninguém mais capaz de os fazer andar direitos como fusos. Do António, se eu puder pecuniariamente, quero fazer alguma cousa pelas letras, ou a música mesmo, porque parece que elle revela habilidade; o Américo vai para o commercio, mas se não for de todo refractário às letras desejo habilital-o com o curso commercial. Vamos a ver o que sairá.

Eu posso fazer-te património para a tua ordenação porque assim creio ficarás mais livre. Pensa no caso e dá resposta.

O Américo ia fazer dez anos e a instrução primária.

Meses mais tarde, precisamente em 5 de Maio de 1898, nova carta seguia para Cochim e nela, estas notícias da família:

Fica sabendo (e já quando receberes esta o saberás) que a esta hora o Jaime seguiu em demanda do porto de Lourenço Marques, seguindo o caminho que tu levaste para ahí. Vai de viagem, e recommendado ao Mousinho d'Albuquerque, para lá se dedicar ao commercio. Embarcou no dia 22 e recebi hontem a primeira carta d'ele escripta de Napoles. Diz-me que não vai arrependido, mas sim morto por se ver em terra, por que vai cheio d'água até aos cabellos! Deus queira que a água não lhe chegue ainda aos pés...

Envio, para a tua colleção, e como recordação, a estampilha da primeira carta delle.

O António não tem desmerecido do conceito que eu delle fazia: os professores estimam-o, amão-o até, e elle, por sua parte, dedica-se com tal ardor ao estudo que nem um minuto perde em brincados. Apesar de quando entrou no collegio pouco ou nada saber, conta o professor que elle fique distinto em instrução primária. No anno seguinte estudará portuguez e francez e depois...

CONTINUA NA PÁGINA TRÊS

# ÁFRICA

Não queria pisar de novo Angola — como àquem de um mês, se Deus quiser, terá acontecido — sem uma referência à última estação da nossa primeira viagem: Sá da Bandeira.

Há muito já, que, por outros assuntos terem surgido e o espaço no Famoso escasseado, interrompi as crónicas da visita de há dois anos. Nunca cheguei a falar de Moçambique.

E quanto não tinha que dizer dessa Província tão amiga, tão calorosa, que sempre se adiantou a acarinhar-nos antes que lhe batéssemos à porta!

Em Angola nem sempre foi assim: muitas vezes tivemos de tomar a dianteira e bater, bater, até que alguém apparecesse... Mas nem por isso lhe queremos menos. Parece, pelo contrário, que o termos de con-

quistar, aumentou o desejo da conquista. Depois, Angola foi ferida fundamente. Se houvesse ressentimento, as horas más tê-lo-iam feito esquecer...

Sá da Bandeira, porém, foi das cidades angolanas, que melhor nos acolheu. Até por isso, me pesava passá-la em silêncio nesta série de crónicas.

Acresce que a capital da Huíla nos prendeu pela sua beleza e seu portuguesismo. Não é a grande metrópole que Luanda já é e Nova Lisboa promete vir a ser. Tampouco se encontra nela o movimento próprio de um grande porto, como o Lobito. É uma cidade pequenina, mas airosa, situada a mais de 1.700m de altitude e cercada de picos mais altos que não a abafam, antes lhe aumentam a graça, com seus miradoiros e santuários. Ali lembrei-me do Minho.

O clima é óptimo e mantém-se assim na longa região peninsular que se estende para leste até à Matala, onde uma barragem para irrigação e produção de energia deu lugar ao estabelecimento de um colonato de europeus e africanos. É zona agrícola e com algumas realizações, já, no campo da pecuária.

Linha férrea vem desde Vila Serpa Pinto, por Sá da Bandeira, até Moçamedes. Vários ramais mineiros estão aumentando, agora, a importância desta linha, que pode e deve ser fonte de prosperidade tanto para este distrito como para a cidade de Moçamedes.

Sá da Bandeira é uma cidade pacata, com suas tradições académicas, que o bom clima e o sossego próprio da sua dimensão se justificam.

Chegámos e saímos por avião. Não experimentámos as belezas da subida desde Moçamedes pela serra da Chela. Dizem-nos que vale a pena essa viagem. Mas nós não fomos por turismo... e na realidade nunca o fizemos. Foi um dia para a chegada e fala pública no Odéon (se não erro o nome do cine-



## Auto- Construção

O homem é um ser sociável. Reconhecendo-se limitadíssimo para satisfazer as suas aspirações, chama em seu auxílio alguém ou vai, de boamente, ajudar outrem. À medida que a civilização avança o homem basta-se cada vez menos a si mesmo. Daí as numerosíssimas associações existentes. Amanhã serão mais ainda. Em religião, em arte, em cultura, em economia, em desporto, em recreio, em beneficência, na política, na indústria, na ciência e noutras variadíssimas actividades, os homens precisaram e precisam de se associarem uns aos outros. Pobre daquele que procura seguir, só, o caminho da vida. A união de pessoas ou entidades para um fim comum está de harmonia com a natureza do homem e, portanto, foi de ontem, é de hoje e será de sempre. Em biologia a associação tem uma acepção muito ampla. Há grande variedade de associações aquáticas e terrestres de plantas e animais. Há associações entre os insectos e as flores. A tantas e tantas associações já existentes vem, na prática, juntar-se mais a dos Auto-Construtores. O fundamento desta associação está na grande dificuldade, diríamos até na impossibilidade de muitos indivíduos ou muitas famílias, individualmente, po-

derem fazer as suas casas. O que não pode o indivíduo, o que não pode mesmo a família, poderá fazê-lo o grupo. Daí a associação com uma finalidade própria e bem determinada. Oito, dez ou doze rapazes ou homens recentemente casados que não tenham casa, juntam-se, associam-se, permutam trabalhos e habilidades e resolvem fazer tantas quantas eles são: O grupo que constituiriam fortaleceu-os extraordinariamente. São outros. Um homem só por onde vai por lá volta, diz o povo. De homem só, tende dó, diz o adágio. A importância das diversas associações avalia-se sobretudo pelas finalidades que unem os diferentes membros. «Auto-Construção» gostaria de dar uma mentalidade social a todos os associados e levá-los a construir as suas próprias habitações. Quando os rapazes virem os efeitos do trabalho em comum, quando derem conta dos efeitos dos esforços conjugados, estarão muito mais dispostos mentalmente para a vida associativa. Ficarão mais aptos para ajudarem e serem ajudados ao mesmo tempo. De um campo passarão a outro com facilidade. Ganharão uma nova maneira de ser. Este um efeito humano de apreciar em Auto-Construção.

Padre Fonseca

continua na segunda página

# A \* G \* O \* R \* A

# Campanha de Assinaturas

**F**oi domingo. Na maré era um mar de visitantes. Parecia Agosto! Eu estava no escritório tentando recomendar conversa—não sei já por quantas vezes!—com o Saraivita, que na manhã seguinte havia de se apresentar no Porto a um emprego.

Bateram de novo, muito discretamente. Era um casal de meia idade. Falámos sobre o Património, sobre o custo real de uma casa. Dizem-me que também desejam lá chegar, mas, para já, é a dúzia da tradição. E estendem-me um sobrescrito com esta legenda: Para a Casa dos Sempre Noivos.

E pareciam-no, e eram-no ali na minha frente, tão simples, tão simpáticos, tão amigos!

Deus abençoe a casa que se vai erguer e permita que quem nela morar, se casados, realize o nome que um azulejo no cunhal dará a conhecer.

Outra casa completa veio de Luanda, de Alguém que mensalmente (se não em períodos mais breves) marca presença. Vejam a delicadeza:

«Eu hoje peço-lhe mais um pouco de paciência e desculpa pelo tempo que lhe vou roubar.

Os restantes 12 contos são para uma casa do Património. Como tenho visto no «Famoso» indicações de nomes a atribuir às casas oferecidas, ou invocações, gostaria que esta ficasse assinalada apenas com «Isaura, Júlio, Beatriz». Seria e será para mim uma homenagem à memória de meus Pais e minha Madrinha. Não sei se na própria casa ficam, habitualmente, estas inscrições, o que de resto é para mim secundário e só me serviria para um dia me permitir conhecer (não ser conhecido!) a família que a habitar. Também gostava, se possível, que fôsse construída no concelho de Bragança. Tudo isto, repito, só será atendido na medida em que seja habitual e não retarde a construção e entrega da casa, que é a única urgência séria. E agora um desabafo: Não vá o meu Ex.mo Amigo (permita-me que assim o considere) pôr-me muito alto no seu conceito por este gesto!! Há mais ou menos 4 anos que eu luto com o meu egoísmo para realizar este desejo! E que luta tem sido! Não que eu seja rico, mas vivendo embora do meu trabalho, tendo razoável nível de vida e, digamos a 500\$ por mês, já a podia ter pago há muito. Preferi fazê-lo assim, pagar por inteiro, para dar um golpe mais vivo neste meu egoísmo e, julgo eu, mais depressa o levar de vencida. Que Deus me ajude a conseguí-lo e abençoe aqueles que beneficiarem da minha dádiva.

Das casas para que vários concorrem aparece a 8.ª prestação de 50\$ para a casa de S. Filomena e «Deus me dê coragem para não desanimar». E o doçro para a Casa de S.ta Terezinha de quem está na disposição de levar sozinho a tarefa até ao fim, se ninguém mais aparecer. Quem dera que sim! Eu não sou muito saneteiro, mas também aprendi de pequenino a estimar S.ta Terezinha e quem assina a presente mensagem é uma «Mãe devota de S.ta Terezinha»!



Dos pessoais: O da Panificação apareceu duas vezes com 182\$50 e 190\$00. O da HICA, outras tantas, com 1.802\$70 e 1.803\$00.

Seguem os de todos os meses,—quase todos com duas passagens. É o do «plauo decenal» e a do «Pequeno Louvre». E o «do tabaco a menos». E a Mariazinha e Artur». E a Alda, do Ribatejo, com seus 70\$00. E «Portuense Maria» com «desculpas do atraso». E um «assinante», de Lisboa com o vale 91359, somando as mensalidades de Fevereiro, Março e Abril». E um «José Henrique» que aparece, até, mais do que uma vez no mês, com 20\$00 de cada, e uma legenda deste teor:

«Com o intuito de contribuir com alguma coisa, conforme puder, para auxiliar a vossa digna missão de alojar as famílias pobres, envio esta simples quantia de 20\$00. Destino-a assim ao Património dos Pobres, acompanhada dos desejos de continuar».

E a assinante 17477, que na incerteza de já ter mandado a sua mensalidade, «prefiro pagar um mês do que ficar em dívida, perante uma obra tão extraordinária!»

Vamos lá agora aos eventuais: Pedras Salgadas, pelas mãos do Pároco 500\$. Mocuba com 50\$ «para ajudar a recheiar a Casa de Coimbra onde vão trabalhar as Criaditas dos Pobres». E acrescenta: «Como sou ainda estudante e portanto não ganho, apenas me limito a acrescentar mais essa miçanga». Ai que se muitos estudantes aprendessem Verdade e Vida como este... «outro galo cantaria» a este pobre mundo! 250\$ de um aumento de ordenado. Quatro vezes mais, «uma pequenina pedra dada com o coração». O dobro de um conservador do Registo Predial—Lisboa. E duas vezes 500\$, uma no Espelho da Moda, outra de Espinho e «espero poder enviar-vos mais e sempre alguns tostões que do coração espero ver multiplicados. Bem hajam». E 20\$ de Lisboa e o mesmo no Porto e 100 do assinante 5398.

E agora, a grande falange de sempre os das casas a prestações, esperam pela próxima saída e vão

ceder o passo a outro grupo que já teve lugar mais autónomo na Procissão e agora marcha nela como os outros fieis. São os que permanecem firmes na sua adesão à Campanha, quase finada, dos 30.000x20=50 casas. Um Alberto da Guarda com 250\$ e o Porto com cotas relativas aos meses de Dezembro passado a Maio presente e o pedido de uma A. M. pela conversão de um chefe de Família. E Chaves, assinante 6912. E o assinante 27845 com «minha contribuição anual» (que afinal é mensal!) 12x20\$=240\$. E a Vila Berta—à Graça com 100. Vila Moreira 20\$ e «os meus agradecimentos pelos benefícios que o jornal me traz». O mesmo da Corujeira—Porto. Ponta Delgada dobra a partida. Chaves «torna a tornar» e «pedia também o favor de me dizer que foi feito do Zé Eduardo, pois não voltaram a falar dele». Saiba a nossa assinante e amiga que o Zé cresceu, casou, e hoje é pai de uma cachopa e funcionário do Banco Pinto de Magalhães, no Porto, onde temos mais rapazes, graças a Deus.

Agora é Maceira-Liz, seguida por Torres Novas e logo por Lisboa, com esta carta, datada já de 28 de Novembro de 1961.

«No dia de Cristo-Rei, passou mais um aniversário dos 20\$00x30.000=50 casas.

Junto envio os 20\$00 do Natal pedindo a Deus que todos os assinantes façam o mesmo, para que em breve se possam fazer as 50 casas para os nossos irmãos pobres, que no inverno mais sentem a falta de abrigo».

E termina a lista o nosso grande Amigo Major que não falha mês algum com 40\$ para esta Campanha e mais lembranças para Ordins e para as belenitas, fora os extraordinários! O que tudo somado dá: 1.050\$.

A VOZ DOS LEITORES—O Famoso é um púlpito. Púlpito sagrado — inquietante. Tanto, que só é possível escrever — e lê-lo também — de olhos postos no Sobrenatural. Quem no diz? Todos e cada um dos leitores. Prê-quê, façam favor de ouvir o testemunho de inquietação de um futuro sacerdote, ora num seminário do Porto. Não importa quem. É um futuro sacerdote. Aqui está:

«Prometi e aqui estou alegremente, a cumprir. Prometi concorrer, logo que pudesse, com alguma coisa e eis-me a fazê-lo. Envio 40\$00 para a Obra que é de todos nós.

No entanto, atrevo-me a formular, simultaneamente, um pedido. E é este: — o de me enviar uma assinatura do «Famoso». Quero debruçar-me mais intensamente sobre o magno problema dos irmãos Pobres que nada têm para nos dar senão — o que é tudo, afinal! — a impagável oportunidade de nos fazer amar mais a Deus, oferecendo-se-nos para lhes assistirmos com a nossa caridade. Preciso do jornal. E os meus familiares precisam dele também. Ele é o despertador de consciências e de corações. Amar é dar-se. E quantas vezes o nosso amar a Deus é imaginário, porque somente teórico».

Hoje temos de ir mais além. Hoje? Sempre! — «O Gaiato» é livro de meditação. Escalda milhares e milhares d'almas, que dantes viviam esquecidas de Jesus na pessoa dos nossos irmãos Pobres.

Ora aí temos, em complemento, outro testemunho vibrante, de uma Vicentina da capital:

«Sou admiradora da vossa Obra, tanto mais que também sou vicentina».

Leio também com grande entusiasmo o vosso «Famoso» e que muito me ensina para pôr em prática na minha vida.

Tenho um tio um pouco descrente, mas que ao ler outro dia o jornal e ao ver o ano passado a festa se entusiasmou.

Caso fosse possível gostaria que lhe enviassem já este jornal e o tomassem como assinante. Eu darei em seu nome o que puder. Poderá ser?»

Que delicadeza neste poderá ser! E tanto sim, minha Senhora, que o Famoso já seguiu — em grande velocidade. O dinheiro não conta, não senhor. Está em segundo plano. Vale mais o seu trabalho apostólico—tão de acordo com a razão de ser deste Famoso revolucionário.

PORTO/LISBOA — O entusiasmo permanece! Ora mais forte, ora menos. É natural. Mas tanto os lisboetas como os tripeiros não arredaram pé. E quando a barca parece afrouxar, dá-se aqui um safanão — e caminha, depois, mais rápida. Entretanto, e por amor à verdade, saibam todos os senhores da capital e da Invicta também, que as listas de peso diminuíram. Agora dominam as presenças individuais, pares ou trios de gente fresca. Porém, a quantidade interessa menos que a qualidade. Eis um aviso repetido já muitas vezes. Porque a Campanha é de Leitores — e não de prováveis leitores.

DO MINHO AO ALGARVE — Aí está o grosso da procissão. Cidades, vilas e aldeias — de norte a sul. É um ror de gente fresca. Um ror de apaixonados!

Coimbra segue na vanguarda. O seu lugar. Pois foi o berço da Obra da Rua. Logo atrás é Mira — terra do Sr. Padre Horácio — com gente de fino quilate, diz a carta. Ora eu sei que são muitos os nossos Amigos por aquelas bandas. E não haverá lá mais quem levante o dedo? Depois é Linda a Velha e Valongo e Travassô (Aguada), pelas mãos de um grande Amigo que tem feito das pedras filhos de Abraão. E mais Areosa (Porto), Aguada de Cima, Castelo Branco, Almada e Pernes: «Desejo ser assinante do «Gaiato» que sempre leio com muito agrado». Tantas legendas do mesmo naipe, tantas!

ULTRAMAR — É verdadeiramente consolador o entusiasmo dos portugueses ultramarinos! Nem o calor, nem as inquietações da estranja lhe arrefecem os ânimos. E aqui temos Luanda e Lobito, da costa ocidental. Da oriental é um mar de gente! Lourenço Marques fez questão de arvorar o título de campeã e só numa lista traz nada menos de 11

## ÁFRICA

continuação da primeira página

ma); outro para a visita ao Colono, no Capelongo, que importou em perto de 450 kms. por estradas de mato; e na manhã do terceiro dia demos uma volta pela cidade, antes de tomarmos o avião que nos trouxe a Luanda. Não sabíamos que havia em Sá da Bandeira casas do Património. Bem boas e lindamente situadas! Creio que foram as primeiras erguidas em Angola, mas Luanda já levantou algumas nestes dois anos. Falámos com vicentinos. Encontrámos alma que nos deixou esperançados na continuação da obra até às «tantas... quantas», suficientes para a solução dos problemas de miséria habitacional.

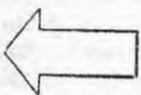
Lá temos um dos nossos, o Artur Nithingale, que aqui na aldeia foi, durante muitos anos, o «Caçoila». Espero que ele se não zangue comigo por causa desta indiscreção. E espero ainda mais e desejo que ele encontre ali não amiga e compreensiva que o ajude a encontrar naquela Huila plena de possibilidades, a suficiência para si e para os seus.

Uns dias mais e ei-nos, Padre Horácio e eu, em Luanda. O tempo que levamos não é muito. O nosso programa não nos obriga senão ao norte da Província. Mas só se de todo em todo não caçarmos boleia é que deixaremos de dar um salto a Sá da Bandeira.

novos leitores! De Moçambique temos, ainda, Mocubela (Quelimane) e Nampula — que não falta! E a Beira? Que é feito da Beira?!

**ESTRANGEIRO** — Os portugueses do Brasil animaram! Temos gente de Santos, Rio de Janeiro e S. Paulo. Os da África do Sul vibram intensamente: temos uma presença de Benoni e uma lista de Joanesburgo. E boas notícias, também, dos Funcionários da Curadoria dos Indígenas Portugueses. Ora em Joanesburgo sei que há muitos portugueses e tudo vai de se empunhar o archote... Finalmente, comparece Jersey City — América do Norte e Anvers — Bélgica. É tudo!

Júlio Mendes



**A**

carta vem do Ribatejo. O coração que a subscreve é de enamorado pelo Próximo e traz-nos o sabor da descoberta que ele tem vindo a fazer: A felicidade dos outros é o único alicerce estável da nossa própria felicidade. É impossível alcançá-la, se não sairmos de nós mesmos. Nos outros, e só neles, é válido o encontro de nós mesmos. Porque não nos procuramos, mas nos achamos realizados em fecundidade, quando procurámos o bem dos irmãos que precisam de nós, dos irmãos que Deus nos confiou. É justo que assim seja, que esta é a verdadeira atitude de um cristão. E um homem

que se esforça por ser cristão autêntico, merece prémio: «Um copo de água dado em Meu Nome, não ficará sem recompensa».

As fotografias que acompanham a carta e eu aí dou legendadas com a soberba simplicidade com que me chegaram — exprimem um programa, denunciam uma decisão. «Era». «É». «Ainda é, mas vai deixar de ser».

Ele é muito difícil a Fé capaz de arredar montanhas. Mas ainda mais difícil é permanecer n'ela, mesmo depois de termos testemunhado aquele arredar. A tentação sucede a todo o homem. Para que não houvesse ilusões, tamponco se caísse no desânimo, Pedro é o exemplo vivo que o Evangelho nos dá. Andou sobre as águas, à



ERA

# PATRIMONIO DOS POBRES



## FACETAS DE UMA VIDA

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM

Deus dirá. O Américo não é destituído, mas... a folgareta tem taes encantos!... tu bem sabes.

E a carta que, cronologicamente, se segue nesta colecção que nos foi cedida, é a já referida do Américo ao P.e José e datada de 13/1/901.

Meu caro irmão:

Apesar de te não conhecer, também sou um dos que te felicito da tua nova missa. Nós soubemos pelo jornal de Cochim que tu tinhas dito missa dia 18 d'um mez incógnito, para mim, em Goa. Eu com esta felicitação e com toda a alegria te peço que venhas a Portugal. Peço-te isto, não só para me tirares este desejo que tenho em conhecer-te, mas também para tirares os desejos de todos nós e particularmente de nossa extremosa Mãe. O maior gosto de nós todos era ouvir-te dizer uma missa. Portanto eu te peço, e antes o meu coração te pede, que venhas cá, porque te queremos ver antes de chegar a morte.

O pensamento e a ansiedade de todos nós é idêntica. Nós realmente não esperamos segunda notícia, visto que dizem alguns jornaes que vem cá o Snr. Bispo e que tu talvez venhas com elle. Por isso agora não nos enganemos. Faz mesmo por vires com... que depois voltarás se quizeres. Mudemos de assumpto. O segundo intento que me obriga a escrever-te esta segunda parte — é o de pedir sellos. Eu e o Zeferino «teu afilhado» já temos bastantes. Porem, agora te pedimos que todos os sellos que poderes arranjar n'os tragas, quando vieres. A Micas já casou. Eu estou no Collegio de Santa Quitéria. Eu estudo portuguez francez e inglez e o António o 3.º anno do curso dos Lyceus. Eu já podia saber alguma coisa de alemão, mas o Pai não quis que eu estudasse e por isso estudo agora matérias de que já podia estar livre. Já vou sendo muito massador. Visitas de nós todos e recebe um apertado abraço do Pae e outro da Mãe e outro deste teu irmão.

Américo Monteiro d'Aguiar

P. S. — Não te esqueças dos sellos. Vem o mais breve possível.

A carta tem toda a espontaneidade dos seus 13 anos muito encantados pela «folgareta». Eu acho imensa graça aos seus pedidos e insistência — graça que mais tarde ele havia de achar semelhante em seus filhos.

voz do Mestre, movido pela Fé e pelo Amor d'Ele. Mas um instante só de queda nas suas razões — e ei-lo mergulhado.

Tem acontecido assim, por vezes, com gente boa de por aí. A Fé e o amor do próximo, foram os penhores da Graça necessária à consecução de efeitos desproporcionados relativamente às causas. Mas, passado aquele momento de euforia, possivelmente menos bem acolhidos ao tornarem a bater às mesmas portas; talvez, um pouco desiludidos pela ingratição dos que primeiro serviram — ei-los desanimados, submersos na sua pequenez, eles que já haviam dominado a água e as leis que a regem, pisando a pé enxuto a sua superfície!

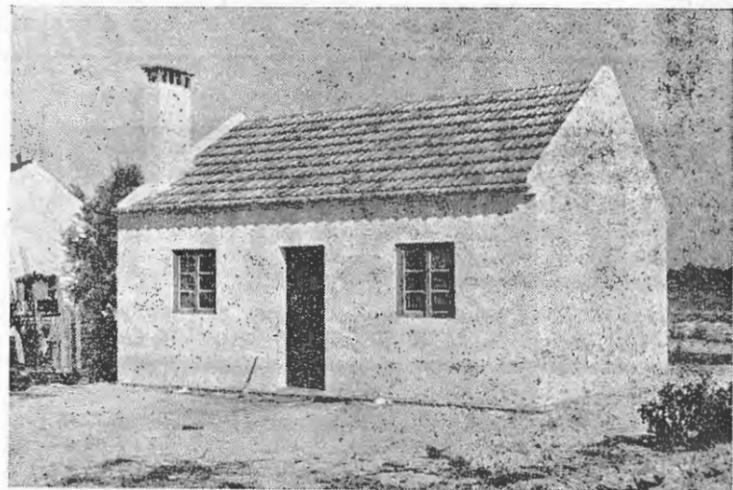
Ora a legenda que este Amigo apõe nas fotografias tão expressivas que nos manda, à guisa de relatório e de programa a cumprir — este Amigo faz uma afirmação de Fé e de perseverança na Fé: «Era». «É». E o mesmo poder que transformou em bem presente o imperfeito, há-de transformar o mal presente em futuro perfeito: «Ainda é, mas vai deixar de ser».

Deus o guarde, agora que ele vai servir longe, no nosso Ultramar, de coração assediado pelas contradições em que a vida é pródiga, de coração conquistado pelo Amor e pela Fé, «as armas que vencem o Mundo»!

E praza a Deus que os outros, os que ficaram com o encargo de realizar o programa «...vai deixar de ser», não esmoreçam diante do egoísmo inconsciente dos que podendo ajudar, julgam cumprido o seu dever com uma esmola de passagem — como se o Amor que nos devemos uns aos outros

servidos. Nós, os cristãos, enquanto tais, não fazemos Assistência, fazemos Caridade. E «a Caridade é paciente, é benigna, não age precipitadamente (...), não busca os seus interesses (...), tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

A maior pobreza dos Pobres, é, justamente, esta: a sua inca-



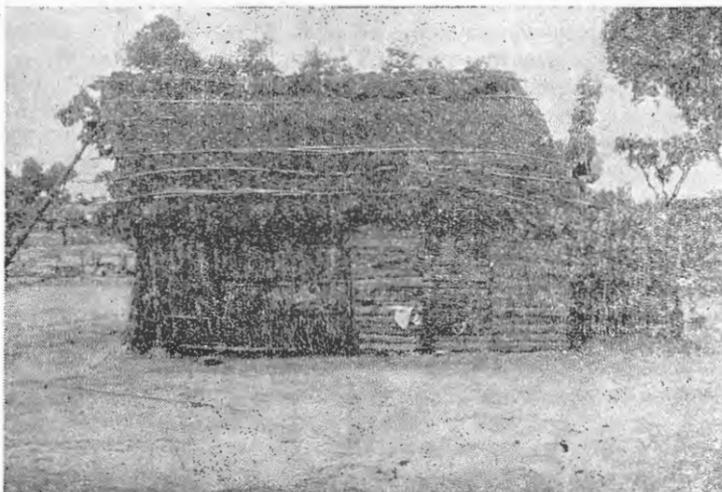
É

fôsse um acto e não um estado, o único estado que permanece e nos constituirá felizes na Eternidade, porque tudo passa — a Fé e a Esperança passarão também — tudo, menos a Caridade!

Nem esmoreçam também, porque os Pobres a quem têm valido não correspondem ao anseio de coração que os fez

pacidade de compreenderem e colaborarem no esforço de elevação humano-divina que empreendemos por amor deles. O êxito não será, porventura, o nosso pago. A nossa marca é outra. Nós não somos funcionários, que vivem daquilo que fazem. Nós vivemos para o que fazemos.

A nossa actuação de cristãos e vicentinos tem por objecto o Pobre, a pessoa. Construamos casas por causa das pessoas, por amor das pessoas, para as ressuscitarmos — e tantas, tantas vezes não somos capazes. Será por culpa deles? Será por nossa culpa? O mais seguro será «chorarmos os nossos pecados», e oferecermos a Deus a penitência da nossa incapacidade. Nas mãos d'Ele, ainda é possível ao estéril re-florir e frutificar.



Ainda é, mas vai deixar de ser

Gaiato

# Totobola

A correspondência do nosso público, numeroso e vivo, continua a chegar, não já em avalanche como no princípio, mas em movimento quase uniforme.

Uniforme é também a tristeza de todos os correspondentes pela demora de uma resolução eficaz. Eu já não conto com ela esta época desportiva e por isso, o meu desejo faz mira à distância, para se não transformar em ansiedade: Queria que algo estivesse decidido no início da nova estação.

E se me dão licença, eu vou aquietar este pequeno mundo de interessados, que se exprime análogamente a estes dois, que não falham com o seu desabafo após cada saída do Famoso: Assim diz um:

«Cheio de esperança, aguardo a aprovação por quem de direito do «tostão» do Totobola.

Creia que me desgosta tanta demora, para resolver o que não tem dificuldades, pois creio bem na ansiedade de todos os jogadores do sorteio de entrarem com a sua contribuição, para tão meritória e cristã obra.

Persistir é o nosso dever até vencer».

Assim, o outro:

«Se V. Rev.ª não tiver lâmpada acesa na MECA da MISERICÓRDIA de LISBOA, por água abaixo irá o Tostão da Matriz.

Enfim esperemos, mas as se-

manas correm, os jogos desaparecem e os tostões das Matrizes não aparecem.

Mas como V. Rev.ª nos acesa com o HAVER NA MISERICÓRDIA ALGUMAS GRANDES BOAS VONTADES, bem vai o caso. É caso de dizer RARI NANTES IN GURGITE VASTO, se os meus conhecimentos da Eneida, não me atraíam, pois datam de há mais de 60 anos.

Já sou muito velho, mas vou esperando ver o Totobola contribuir para as Casas dos Pobres».

Ora bem! Há, na verdade, entre aqueles de quem se julga «terem a faca e o queijo na mão» um desejo gémeo do nosso, de que a empresa vá a bom termo. Mas há uma dificulda-

de. O primeiro dos citados correspondentes nem é capaz de dar fé dela, porque o seu coração é porta aberta ao amor do próximo! «Tão pequeno sacrifício, para tão grande Obra! Parece impossível que quem de direito, não tenha ainda acordado, com tão bondoso e cristão apelo» — suspira ele! Mas nem todos sentirão assim! (Intencionalmente emprego o verbo sentir e não compreender!) E aqui nasce a dificuldade. O público numeroso e vivo dos leitores de «O Gaiato» já deu a sua concordância. Mas o grande público — como reagirá? Não será real o perigo de que os menos bem informados «tomem a nuvem por Juno» e se deitem a protestar, por mais uma alcavala, sem atentarem na desproporção entre a pequenez da causa e a grandeza do efeito que aquele tostão é capaz de produzir? Não po-

derá acontecer, até, que esses mesmos, no nosso jeito tão latino de refilar, decidam, por represália, abster-se das apostas desportivas?

Esta é a dificuldade «de quem de direito».

De onde se tira uma conclusão prática: Há que informar. Há que esclarecer. Há que levar ao grande público a mesma certeza, feita de amor do próximo e de simplicidade, que faz parecer impossível aos olhos do nosso público, que «não se tenha ainda acordado, com tão bondoso e cristão apelo»; diante de «tão pequeno sacrifício para tão grande Obra!»

Esta é a missão do nosso público: fazer tal propaganda, que leve o grande público a pensar e a compreender a dimensão da Obra que tão pequeno sacrifício é capaz de realizar — de modo a apaixoná-lo pela ideia e a fazê-lo sentir de acordo com o seu pensamento esclarecido.

Se na «Meca da Misericórdia de Lisboa» se acender lâmpada que desfaça as trevas desta dúvida, temos a dificuldade eliminada, temos a praça conquistada.

Vamos a isto?!

## Conferência

S. O. S. — Em casa do Pobre, sobretudo do pobre rural, a doença gera os maiores desequilíbrios—desamparados como estão, por esse mundo fora! Isto é Verdade. Verdade nua e crua. Por isso, não vem dia ao mundo que não surja o pedido de uma receita para aviar! E a Conferência não cruza os braços e tem dado vida, por graça de Deus, a muitos a quem serve — pela sua miséria irreparável. E a outros que, falhos de força, pela doença, também se prostrariam indefinidamente, até à consumação total — sem a mínima possibilidade de assistência medicamentosa! Na maioria, evidentemente, gente do campo. Tão esquecida!... Que sofre, resignadamente, cristãmente, as maiores vicissitudes.

Ora a conta da farmácia é de arrepiar! Sobretudo nesta altura, que temos disposto de todos os medicamentos a um Pobre, chefe de família numerosa e absolutamente incapacitado para o trabalho. Em média, são receitas de 200\$00! Ora «se não fosse a Conferência o meu homem já tinha morrido», afirmou-nos a sua Mulher. Quem lho disse?, retorquimos. «Foi o médico». E já quantas receitas aviámos! Tantas, que esquecemos a conta, felizmente. E nem podemos, mesmo, fazer contas, como nas secretarias dos asilos, e mais obras, onde elas reinam sobre tudo. Devemos mas é clamar incessantemente, para que Deus abra os vossos corações — quantos deles à espera de oportunidades! Aqui tendes, pois, uma delas. Uma santa oportunidade. É que a gente não quer — nem pode! — fechar o caminho pra farmácia. De contrário, em vez da afirmação supra dita, ouviríamos: «o meu homem já morreu!» — sem ter nada que o aliviasse.

Júlio Mendes

última que ele me escreveu, data do treze do três, à qual logo respondi em vinte e sete do mesmo mês. Tê-la-á recebido?

Ele que transmita à Maria o meu breve regresso e que a faça saber que me encontro de saúde e, ia mesmo a dizer, feliz.

Confesso-lhe querido Pai Carlos que ando realmente mais feliz que o costume. Embora o ande por saber do breve regresso não é este o principal fundamento. A razão principal de aleluia da minha alma deve ser o bom aproveitamento da Páscoa. Não tivemos festa nem tão pouco rancho melhorado, mas sim porque me tem custado suportar esta situação, e tenho vencido.

O conteúdo que ofereci ao Senhor foi este: suportar por amor d'Ele as condições em que nos encontramos.

Esta foi uma das Páscoas que festejei melhor, porque foi toda espiritual.

E pronto, não me estendo mais.

Receba saudades do Artur e Victor. E deste seu humilde filho um xi do coração que se prolongará até à minha chegada. Um também bastante apertado para o sr. Padre Manuel.

Fernando Dias

## CARTA DE GOA

Terão chegado ou estarão chegando, quando este jornal te cair nas mãos.

A dor da nossa Índia não termina; mas a saudade dos nossos que ali sofriam a esterilidade de uma prisão — essa sim,

fez vir só agora, a outros fez vir já.

À maneira de quem vira uma página, eu dou aqui — mais retrato do Fernando do que o próprio retrato que também publico — a sua última carta, de Charly Pow Camp — Alparqueiros — Goa, 23 de Abril de 1962.



Fernando Dias

Volta o Fernando. Os Pobres do Barredo vão revê-lo, tão alegres, como de lágrimas cheios se despediram meses atrás.

Ele não sabe ainda (nem nós, com certeza) ao serviço de que outros Pobres irá consumir a sua vida. Mas ele quer, e nós esperamos-lo, para servir Irmãos, como, onde, Deus determinar; sujeito aos perigos que Ele permitir — que, afinal, vida há só uma e essa é para consagrar a Deus no serviço do Próximo, do que precisa de nós.

Com o Fernando regressam o «Gaia» e o Victor, que foi de Miranda. Regressam muitos outros, nossos também pelo elo da Pátria comum. E em muitos lares portugueses será uma clareira de alegria por entre as trevas da perda que, a uns

Recebi ontem a sua paternal carta de doze do corrente que me encheu de alegria. Em nome de nós os três muito obrigado.

Do mesmo modo estou ansioso por o abraçar. Até talvez seja melhor não responder a esta, pois pelo visto já não demora muito o nosso regresso.

Em devida data recebi uma missiva da D. Sarah. Que belíssima carta! Realmente esta Senhora deve ter sido para o Tomás uma boa mãe. Como Deus me recompensa do que não mereço!

O Zéquita e o Zé Maria sapateiro ainda estão no Lar! Vá. Alegre-se um pouquinho porque não o deixo só nestes sofrimentos, embora eu seja nada perante o nosso Deus. Mas estou certo que Ele receberá as minhas insignificantes orações e sacrifícios. Permita, pois, o Senhor que esses dois filhos compreendam quanto lhes quer a Obra.

Espero que dê parte de mim aos casadoiros e que em breve espero abraçá-los de corpo e alma, principalmente ao Ernesto. Deus lhes guie a todos os passos.

O Cristiano não me tem escrito, ou então as suas cartas não me têm chegado às mãos. Esta ausência de correspondência deve ser motivada pelos preparativos do grande dia. A

## TRIBUNA de Coimbra

A manhã de hoje foi cheia e parte dela à procura das últimas coisas para o acabamento da casa-mãe do bairro dos Pobres. É com um mundo de satisfação que vemos aquele edifício enorme ao serviço dos Pobres. As Criaditas já ali têm algumas das suas coisinhas (a maior parte lembranças de comitricenses, que as conhecem) e começaram a deslocar-se ao bairro várias vezes por semana até assentarem arraiais definitivamente. As crianças fazem-lhes cortejos de devoção à chegada e à saída. Começa ali um ambiente novo e para mim a esperança dum nova era. Pobres com casa, mas sem pão e educação, são pobres à mesma.

Depois da manhã atarefada esperavam-me à porta de casa várias pessoas e vários telefonemas. A primeira era uma pobre mulher abandonada com três filhos, muito doente e com o mais novo também muito doentinho. Era da província, mas como não pode trabalhar, veio para a cidade, pois aqui há mais quem nos ajude com alguma coisinha. Já há dias vem buscar um colchão e depois tem aparecido para pedir mais alguma coisa.

A seguir foi um casal pai de onze filhos. Ele tuberculoso e o filho mais velho tem catorze anos e anda na escola. Ela trazia ao colo o mais novo e disse com muita ternura e sentimento que os três mais novos ainda queriam mamar o que era do mais pequenino. Já nos conhecemos de há muito e agora vinham os dois pedir a casa que ela já havia pedido. Vivem nos arredores da cidade e têm sete meses de renda atrasada. Não lhes dei casa, nem grande esperança de vir a dar.

Tocou logo o telefone, que já tem tocado vezes sem conta pela mesma Senhora. É uma Vicentina que ia para a sua reunião semanal e queria comunicar da possibilidade de haver uma casa vaga para uma família aflita, com necessidade de internamento de um filho anormal de doze anos.

Perante estas aflições e a minha incompetência, o cansaço da manhã desfez-se. Os rapazes esperavam-me à mesa onde a sopa fumegava, alegres e buliçosos, alheios aos problemas destes irmãos e esquecidos dos dias de abandono que também já passaram.

Nós somos assim. Quem está mal que se aguenta. Maldição do nosso tempo!

Padre Horácio

